

## **EROS E POLÍTICA: AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS DO AMOR COMO UM AFETO POLÍTICO**

PIRES, J<sup>1</sup>; RODRIGUES, R<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Aluno do curso técnico em Eletromecânica Integrado ao Ensino Médio, Voluntário do PIVICT, IFSP, campus Itapetininga, [j.pires@aluno.ifsp.edu.br](mailto:j.pires@aluno.ifsp.edu.br).

<sup>2</sup> Mestre em filosofia pela FFLCH - USP, Professor do IFSP, campus Itapetininga, [barberino.rafael@ifsp.edu.br](mailto:barberino.rafael@ifsp.edu.br).

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.01.01.00-0 História da filosofia

Apresentado no

10º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP

27 e 28 de novembro de 2019- Sorocaba-SP, Brasil

**RESUMO:** Há uma crescente de movimentos populistas de direita permeando o mundo ocidental, os quais justificam o receio de um ressurgimento do fascismo na contemporaneidade. Para diversos autores, entre os quais Adorno, encontrar-se-ia na raiz da psicologia de massas do fascismo um esfriamento dos laços afetivos nas relações sociais. Ora, se é preciso manter os laços afetivos, seria coerente esperar uma valorização do amor como um afeto político. Entretanto, é justamente essa a possibilidade que Adorno nega, fundamentando-se, para tanto, em Freud. O que se pretende neste projeto é, em primeiro lugar, compreender as razões alegadas por essa escola de leitura freudiana para a desqualificação do amor enquanto afeto político. Em segundo, será preciso verificar se Adorno, neste ponto, lê corretamente Freud. E, por fim, se não haveria uma outra possibilidade de leitura da obra de Freud no que se refere ao papel do amor nas tramas das relações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia das massas; civilização; fascismo; Freud; Adorno; Marcuse.

### **EROS AND POLITICS: THE SOCIAL IMPLICATIONS OF LOVE AS A POLITICAL AFFECTION**

**ABSTRACT:** There is a growing right-wing populist movement pervading the western world, which instigates the fear of a resurgence of fascism in contemporary times. For several authors, including Adorno, there would be in the root of mass psychology of fascism a cooling of affective ties in social relations. Well, if is necessary to keep the affective ties, would be logical wait an appreciation of love as a political affection. However, Adorno denies precisely this possibility, supported by Freud. What this project searches is, at first place, understand the reasons claimed by this school of freudian reading to disqualify love as a political affection. Secondly, will be necessary to verify if Adorno, at this point, reads correctly Freud. And, lastly, if there would be no other read possible of Freud's work on the role of love in social plots.

**KEYWORDS:** mass psychology; civilization; fascism; Freud; Adorno; Marcuse.

### **INTRODUÇÃO**

Uma sociedade é mais do que a sua peculiar forma de dividir o trabalho social e suas instituições jurídicas. Ou, noutros termos, a questão política não se esgota nas questões da distribuição da renda e da riqueza, dos direitos e da autoridade. Deve-se lembrar também que a sociedade é propriamente dito um corpo político. Por conseguinte, a política guarda também uma dimensão estética, isso no sentido original do termo que é, a saber, sensibilidade: enquanto corpo político, uma sociedade é fundamentada também por afetos (paixões) que circulam socialmente. O que nos propomos a investigar neste projeto é o papel que pode ser desempenhado pelo amor neste contexto de

fundamentação da política. O que nos perguntamos, em última instância, é que tipo de corpo político o amor faz surgir e qual tipo de indivíduo pode emergir de um corpo político fundado no amor. E mais, o amor enquanto afeto político teria um sentido unívoco?

Em suma, os elementos que nos guiarão em nossa investigação serão, em primeiro lugar, a crítica feita por Freud, em *O mal-estar na civilização*, ao amor como afeto para se alicerçar as relações sociais. Depois, interessa-nos também a leitura feita por autores como Adorno e Marcuse da argumentação freudiana. Quais seriam as concordâncias e discordâncias. Por fim, Safatle (2018) tem aberto uma nova perspectiva de leitura de Freud, via Lacan, na qual o amor pode voltar a jogar um papel positivo na construção de corpos políticos saudáveis, isto é, capazes de suportar a diferença e a indiferença.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Prendemos nessa fase da pesquisa delinear as razões que levam certa tradição freudiana a não valorizar o amor como um afeto eficaz na luta contra a barbárie. E, para tanto, em se tratando de um estudo da história da filosofia, não dispomos de muitos outros métodos senão aqueles da leitura e comentário de textos. Por isso, o que por primeiro faremos é um levantamento bibliográfico a respeito do assunto. Interessa, neste primeiro momento, todo artigo que possa contribuir na compreensão do pensamento político de Freud.

Neste sentido, uma bibliografia central será o livro de Vladimir Safatle, *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Em primeiro lugar, ele trata justamente de Freud sob a perspectiva que nos interessa. Ademais, ele abre um leque de possibilidades para desdobramentos futuros desta pesquisa na medida que explora vários pensadores que trabalham a fundamentação da política a partir de uma teoria dos afetos (linha de pesquisa que parece estar se consolidando nos estudos de filosofia política). Inclusive ele mesmo dedica um capítulo a pensar o amor como um afeto político, mas a partir de Lacan. Este será um desdobramento certo desta pesquisa. E, por isso mesmo, ele nos fornece uma longa bibliografia pela qual podemos iniciar nossa pesquisa.

De qualquer modo, além do livro de Safatle, sabemos que será preciso enfrentar, ao menos, quatro dos textos sociológicos de Freud: *O futuro de uma ilusão*; *O mal-estar na civilização*; *O homem Moisés e a religião monoteísta*; *Psicologia de massas e análises do eu*. Depois, temos ainda *Eros e Civilização* de Hebert Marcuse. Este nos auxiliará, especialmente, na compreensão do pensamento de Freud. E, é claro, as propostas de Marcuse para o destino de Eros numa civilização emancipada também nos interessa.

Sabemos de antemão de alguns caminhos que se abrirão com a pesquisa, mas que não daremos conta, ao menos não neste primeiro momento. Pretendemos em outra etapa pensar como a educação pode servir de freio a barbárie (podemos pensar uma educação dos afetos políticos?). E numa discussão acerca do papel da educação que chega a discutir o amor esbarrará, com toda a certeza, nos textos de Hannah Arendt, por exemplo. Não tão evidente é o caminho que pode nos levar, por exemplo, a um Agostinho de Hipona. Com efeito, o pensador africano foi o primeiro a definir povo não a partir do consentimento jurídico, como Cícero o faz, mas a partir do conceito de amor. De certo modo, quando Safatle se propõe a refletir sobre o amor como afeto político, ele está pensando uma das muitas metamorfoses da cidade de Deus de Agostinho que a história da filosofia já produziu.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A primeira hipótese que confirmamos, pela leitura de *O futuro de uma ilusão*, é a impossibilidade de se pensar adequadamente o corpo político a partir apenas da divisão social do trabalho e dos ordenamentos jurídicos que o compõem. O conjunto das instituições sociais, na medida em que impõem aos indivíduos um maior ou menor grau de repressão instintual (e, por conseguinte, um maior ou menor grau de frustração), só podem ser adequadamente pensados se se levar em conta os sentimentos que se permitem circular nestas instituições.

Ainda pela leitura do *Futuro de uma ilusão*, encontramos, como esperávamos, uma divergência entre Adorno e Freud, ou melhor, encontramos um fundamento para divergir da leitura

que Adorno faz de Freud, a qual nos parece excessivamente pessimista. Com efeito, Adorno destaca os mecanismos que podem levar a civilização à barbárie, contrapondo um único remédio, a saber qual seja: “O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação” (2003, p. 125). Freud, porém, destaca, na segunda seção do citado ensaio, a função do patrimônio psíquico da civilização que seria o de “reconciliar” os homens com o esforço civilizacional e, enquanto esta tarefa de reconciliação não está completa, este patrimônio também “indeniza” os indivíduos por sua participação (FREUD, 2014, p. 239). Freud explora na sequência as formas pelas quais se dão tal reconciliação e indenização. Respectivamente, pelo desenvolvimento histórico do supereu (reconciliação) e pelos prazeres compensatórios como os sentimento de pertencimento, o prazer advindo da arte, da ciência e da filosofia (indenização). Para nós, no entanto, interessa sublinhar especialmente a possibilidade de uma reconciliação afetiva com o projeto civilizacional, porque, deste modo, a pergunta pelo papel que pode ser desempenhado pelo amor no corpo político ganha mais espaço.

Ademais, a hipótese de que o amor guarda uma pluralidade de sentidos e significados como afeto político tem se confirmado. Encontramos, por um lado, em dois outros ensaios sociológicos de Freud, O mal-estar na civilização e Psicologia das massas e análise do eu, críticas ao amor como um afeto político. Em primeiro lugar, o exigente imperativo cristão do amor ao próximo parece pouco razoável, uma vez que o outro nem sempre se mostra digno do amor. E, em segundo, o amor em comum é um dos elementos formadores das psicologias das massas. É fundamentando-se nestes textos que Adorno se nega a fazer uma “pregação do amor” como solução para o problema posto (2003, p. 134). Por outro, Safatle, a partir de Lacan, abre uma nova perspectiva para se pensar o amor como um afeto político positivo. Faremos essa análise na próxima seção.

Para descrever esse modo de reconhecimento antipredicativo, com suas afecções que produzem despossessões generalizadas de si, desabamentos de sistemas individualizados de identidades e diferenças, recorreremos a uma digressão sobre o conceito de amor, tal como aparece em Jacques Lacan. Maneira de mostrar como um modelo fundamental de reconhecimento primário pode ser completamente reconstruído, para além da ficção filosófica do amor como espaço de “simbiose refratada pela individualização mútua” e, por isso, capaz de pretensamente produzir a segurança emocional de sujeitos autônomos individualizados. Contrariamente à ficção filosófica do amor como uma espécie de afecção que, através do reforço de estruturas cooperativas e de afirmação mútua de interesses particulares, nos leva a construir relações sob a forma do contrato tácito entre pessoas que se afetam de forma consensual e consentida, a reflexão psicanalítica sobre o amor proposta por Lacan nos permite pensar modos não intersubjetivos de reconhecimento, no qual as figuras do contrato das trocas recíprocas, do consentimento consciente ou da afirmação identitária de si saem de cena para compreendermos melhor como o desamparo, entendido como afeto, pode criar relações. O amor é, segundo Lacan, uma relação que nos desampara, mas que nos recria. A reflexão sobre o amor demonstra seu interesse político na medida em que abre a compreensão para formas de reconhecimento entre sujeitos que, ao menos por um momento, deixam de querer ser determinados como pessoas individualizadas (2018, p. 26).

Para os corpos políticos totalitários, o amor é um afeto central, porque se ama uma certa identidade. Por exemplo, para o nazista tudo se passa como se a sua dignidade decorresse do fato de ser um ariano. É este predicado (“ariano”) que o identifica como sujeito e como pessoa digna de afeto. Ora, mas se desejamos sociedades plurais, então precisamos de indivíduos capazes de suportar o desamparo da existência sem ceder a este tipo de ilusão da identidade. E, neste contexto, o amor também pode desempenhar um papel central. O amor teria, então, interesse na política, porque se trata de um sentimento que, se vivido de uma determinada maneira, poderia fazer ruir as ilusões de identidade. É por isso que o autor pode falar de um reconhecimento antipredicativo, porque se trata de

reconhecer, mas sem determinar o sujeito sob o signo de um predicado, mas de reconhecê-lo através de um juízo que lhe nega justamente esta identificação com qualquer predicado.

## CONCLUSÕES

Ao investigar os fundamentos a partir dos quais é possível compreender a constituição de um corpo político, confirmamos que, para Freud, não basta a análise da divisão social do trabalho e dos ordenamentos jurídicos. É preciso também uma análise dos sentimentos que as instituições de repressão e de indenização permitem circular nesta sociedade. Em virtude do interesse de nossa pesquisa, miramos dentre esses sentimentos, o amor como um afeto central no entendimento da construção de corpos políticos.

Se, por um lado, Adorno apresenta uma perspectiva demasiado pessimista do amor, invalidando-o na luta contra o inimigo identificado pelo próprio pensador como decisivo na vitória da barbárie sobre a civilização: a frieza. Por outro, há ainda alguns caminhos que se revelam a nós a partir de Freud: o entendimento do papel do amor na modificação das instituições para um menor grau da necessidade de repressão (Marcuse); e a função do amor, quando afirmado no desamparo, para a dissolução das ilusões de identidade (Safatle). O que daí podemos concluir por hora, é a possibilidade de constituições diversas de corpos políticos a partir da pluralidade de sentidos que o amor possui. Empenharemos nossos esforços no decorrer do restante do trabalho em estabelecer a partir de qual desses sentidos de amor é possível construir um corpo político saudável.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de São Paulo que, por meio do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica e/ou Tecnológica (PIVICT), possibilitou a realização deste projeto de maneira oficial e institucionalizada.

Agradecemos também ao IFSP – Campus Itapetininga por fornecer-nos acesso aos seus espaços, de maneira a possibilitar nossas reuniões.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. 3ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 190 p.
- FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926/1929)**. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras. Coleção Obras Completas, 2014. vol. 17, 392 p.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 358 p.